

SAÚDE MENTAL, EDUCAÇÃO E TRABALHO: CARTOGRAFIA DAS EXPERIÊNCIAS DOCENTES

Recebido em: 18/12/2025

Aceito em: 10/07/2026

DOI: 10.25110/educere.v26i1.2026-12483



Daniela De Maman ¹

Lucas De Maman ²

RESUMO: A saúde mental docente tem se constituído como tema central nas discussões sobre o cotidiano escolar, especialmente na Educação Infantil, em razão das múltiplas exigências emocionais, institucionais e relacionais que atravessam o trabalho pedagógico. Este estudo buscou compreender os processos de sofrimento psíquico, bem-estar e subjetivação presentes na experiência de professoras da Educação Infantil, considerando os afetos, vínculos e dinâmicas institucionais que constituem o cotidiano escolar. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, articulando revisão bibliográfica, observação de campo, entrevistas semiestruturadas e perspectiva cartográfica. A análise dos dados foi realizada por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), possibilitando acompanhar movimentos subjetivos relacionados ao reconhecimento profissional, autonomia, relações afetivas, acolhimento institucional e condições de trabalho. Os resultados evidenciam que a saúde mental docente é produzida em redes complexas de relações, sendo atravessada por experiências de desgaste, pertencimento, resistência e cuidado. Conclui-se que políticas voltadas à promoção da saúde mental na escola precisam considerar dimensões micropolíticas, afetivas e coletivas do trabalho docente, fortalecendo espaços de escuta, acolhimento e produção compartilhada de cuidado no ambiente educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Bem-estar docente; Cuidado; Docência; Sofrimento psíquico.

MENTAL HEALTH, EDUCATION, AND WORK: A CARTOGRAPHY OF TEACHING EXPERIENCES

ABSTRACT: Teacher mental health has become a central topic in discussions about school life, especially in Early Childhood Education, due to the multiple emotional, institutional, and relational demands that permeate pedagogical work. This study aimed to understand the processes of psychological suffering, well-being, and subjectivation present in the experiences of Early Childhood Education teachers, considering the affects, bonds, and institutional dynamics that constitute everyday school life. The research adopted a qualitative approach, combining bibliographic review, field observation, semi-structured interviews, and a cartographic perspective. Data analysis was carried out through Discursive Textual Analysis (DTA), enabling the monitoring of subjective movements related to professional recognition, autonomy, affective relationships, institutional support, and working conditions. The results show that teacher mental health

¹ Doutora em Educação. Docente no Curso de Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado em Educação – PPGE) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão/PR.

E-mail: danielademamam@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9258-7974>

² Discente do Curso de Medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia CCS-UFRB/BA.

E-mail: lucasdmaman@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7822-801X>

is produced within complex relational networks, permeated by experiences of exhaustion, belonging, resistance, and care. The study concludes that policies aimed at promoting mental health in schools must consider the micropolitical, affective, and collective dimensions of teaching work, strengthening spaces for listening, support, and shared care production within educational environments.

KEYWORDS: Care; Mental distress; Teacher well-being; Teaching.

SALUD MENTAL, EDUCACIÓN Y TRABAJO: CARTOGRAFÍA DE LAS EXPERIENCIAS DOCENTES

RESUMEN: La salud mental docente se ha constituido como un tema central en las discusiones sobre la vida escolar, especialmente en la Educación Infantil, debido a las múltiples exigencias emocionales, institucionales y relacionales que atraviesan el trabajo pedagógico. Este estudio buscó comprender los procesos de sufrimiento psíquico, bienestar y subjetivación presentes en la experiencia de profesoras de Educación Infantil, considerando los afectos, vínculos y dinámicas institucionales que constituyen la cotidianidad escolar. La investigación adoptó un enfoque cualitativo, articulando revisión bibliográfica, observación de campo, entrevistas semiestructuradas y perspectiva cartográfica. El análisis de los datos se realizó mediante el Análisis Textual Discursivo (ATD), permitiendo acompañar movimientos subjetivos relacionados con el reconocimiento profesional, la autonomía, las relaciones afectivas, la acogida institucional y las condiciones de trabajo. Los resultados evidencian que la salud mental docente se produce en redes complejas de relaciones, atravesadas por experiencias de desgaste, pertenencia, resistencia y cuidado. Se concluye que las políticas orientadas a la promoción de la salud mental en la escuela deben considerar dimensiones micropolíticas, afectivas y colectivas del trabajo docente, fortaleciendo espacios de escucha, acogida y producción compartida de cuidado en el ambiente educativo.

PALABRAS CLAVE: Bienestar docente; Cuidado; Docencia; Sufrimiento psíquico.

1. INTRODUÇÃO

A atuação docente, especialmente na Educação Infantil, ocupa lugar estratégico na formação das crianças, pois o cotidiano escolar é atravessado por interações constantes, afetos compartilhados e processos de construção subjetiva. Professoras e crianças constituem, juntas, um microcosmo relacional no qual o cuidado, a escuta e a presença emocional são tão essenciais quanto os conteúdos pedagógicos.

Nessa perspectiva, a saúde mental dos profissionais adquire centralidade, não apenas como condição individual, mas como dimensão estruturante da prática educativa. Compreendida como cuidado de si e como direito ao cuidado integral em saúde a docência é complexa como trabalho ao envolver o corpo, emoção e capacidade de estabelecer vínculos. Reconhecer tal complexidade significa compreender que a qualidade do ensino e das relações pedagógicas está diretamente associada ao bem-estar psicológico do educador.

Refletir sobre o sofrimento psíquico-emocional dos professores requer considerar que a docência é atravessada por múltiplas determinações históricas, sociais e institucionais. A sobrecarga de responsabilidades, as exigências de produtividade, a falta de reconhecimento, a intensificação do trabalho e as limitações de autonomia revelam um cenário que fragiliza a saúde mental docente. Além disso, fatores externos ao ambiente escolar, como dificuldades familiares, insegurança econômica e pressões sociais, contribuem para agravar tal sofrimento.

Entretanto, compreender o sofrimento docente apenas como resultado de fatores isolados ou individuais reduz a complexidade dos processos que atravessam o cotidiano escolar. O mal-estar na docência não se constitui de forma linear, mas emerge das relações, dos afetos, das dinâmicas institucionais e dos modos de subjetivação produzidos no interior das práticas educativas. Nessa direção, o ambiente escolar é entendido como território vivo de forças, tensões e produções subjetivas que afetam continuamente os modos de sentir, agir e existir dos professores.

A pesquisa realizada evidenciou que o próprio trabalho docente funciona, muitas vezes, como um potente dispositivo de adoecimento, dada a exigência permanente de autocontrole emocional, mediação de conflitos e resposta imediata às demandas educacionais. Esse conjunto de tensões reforça a necessidade de se pensar políticas públicas que considerem o educador como sujeito de direitos e de cuidado, rompendo com a lógica que naturaliza o sofrimento como parte inerente da profissão.

O estudo que fundamenta este artigo, desenvolvido a partir de projeto institucional³ aprovado pelo Comitê de Ética⁴, buscou aprofundar a compreensão desses processos por meio de uma escuta analítica das narrativas docentes, sensível aos modos de subjetivação presentes na prática educativa (Merhy; Franco, 2013). A metodologia adotada articulou leitura cartográfica de textos sobre educação, subjetividade e afetividade com entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram captar nuances das experiências vividas. Essas narrativas revelam sentimentos de exaustão, angústia, frustração, mas também desejos de reconhecimento, de formação continuada e de construção de redes de apoio.

Inspirada na perspectiva cartográfica proposta por Deleuze e Guattari (1995) e desenvolvida por pesquisadores como Campos; Kastrup (2017) e Oliveira *et al.* (2022),

³ Projeto de Pesquisa Institucional: Subjetividade na contemporaneidade: eu e o *eu social*.

⁴ Registro no Comitê de Ética institucional: CAAE - 68484023.8.0000.0107.

esta investigação não buscou representar uma realidade fixa ou produzir interpretações totalizantes sobre a saúde mental docente. Ao contrário, procurou acompanhar processos, fluxos afetivos, tensões institucionais e movimentos de subjetivação presentes no cotidiano da Educação Infantil, compreendendo que o sofrimento psíquico é produzido em redes complexas de relações e atravessamentos micropolíticos.

Nessa perspectiva, a cartografia não opera como simples técnica de coleta ou descrição de dados, mas como modo de acompanhar experiências, rastrear intensidades e compreender como desejos, afetos, normas institucionais e relações de poder constituem os modos de existência no espaço escolar. Assim, o estudo desloca o olhar de interpretações centradas apenas em indicadores individuais para uma leitura processual e rizomática da saúde mental docente, considerando os movimentos de desgaste, resistência, pertencimento e criação que emergem no exercício da docência.

Ao valorizar essas expressões, a pesquisa evidencia a urgência de políticas institucionais que promovam espaços de acolhimento, práticas de cuidado, acompanhamento psicológico e fortalecimento da saúde mental. Assim, o estudo reafirma que pensar a saúde mental docente é, antes de tudo, pensar a sustentabilidade humana da escola e a possibilidade de relações educativas mais éticas, sensíveis e humanizadoras.

Diante desse contexto, este estudo teve como objetivo compreender os processos de sofrimento psíquico, subjetivação e produção de cuidado presentes na experiência de professoras da Educação Infantil, utilizando abordagem cartográfica, entrevistas semiestruturadas e Análise Textual Discursiva.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A saúde mental dos professores evidencia, nas últimas décadas, um quadro crescente de adoecimento, marcado pela precarização das condições de trabalho, intensificação das tarefas e acúmulo de demandas emocionais. Transtornos como síndrome de burnout, estresse crônico e depressão têm se tornado cada vez mais presentes no cotidiano docente, revelando um cenário de vulnerabilidade que ultrapassa questões individuais e expressa condições estruturais do campo educacional (Forattini e Lucena (2015). Essa realidade aponta para a urgência de estratégias de cuidado capazes de enfrentar a cronicidade do sofrimento psíquico, compreendendo que a saúde mental não se reduz à dimensão clínica, mas envolve processos subjetivos, relações sociais e modos de vida que atravessam o fazer pedagógico.

A subjetividade não é compreendida como estrutura fixa ou exclusivamente individual, mas como produção contínua atravessada por relações sociais, institucionais, afetivas e históricas. Para Deleuze e Guattari (1995), os processos de subjetivação são produzidos em redes múltiplas de forças, afetos e agenciamentos, constituindo modos de existência que se transformam continuamente nas experiências coletivas e cotidianas. Desse modo, o sofrimento psíquico docente não pode ser reduzido a manifestações individuais ou patológicas isoladas, pois emerge também das relações de poder, das exigências institucionais, da intensificação do trabalho e das dinâmicas afetivas presentes no ambiente escolar.

Ao discutir a cartografia como perspectiva metodológica e ética de pesquisa, Campos; Kastrup e Escóssia (2017) defendem que pesquisar implica acompanhar processos e movimentos, e não representar realidades estáticas. Nessa direção, a cartografia permite compreender o espaço escolar como território rizomático, constituído por múltiplas conexões, afetos, tensões e linhas de força que atravessam os modos de viver a docência e produzir saúde mental.

Para Campos; Kastrup e Escóssia (2017):

A natureza política do método cartográfico diz respeito ao modo como se intervém sobre a operação de organização da realidade a partir dos eixos vertical e horizontal. Grosso modo, podemos dizer que a operação de organização hegemônica/ majoritária do socius se dá na forma da conexão entre variáveis menores em oposição a variáveis maiores (Campos; Kastrup; Escóssia, p. 28).

Entender a saúde mental implica situá-la na interface entre subjetividade e contexto social (Dalgarrondo, 2019). O sujeito contemporâneo, imerso em dinâmicas aceleradas, disputas simbólicas e crescentes exigências do trabalho, produz modos de existir que expressam as tensões entre sua experiência singular e as forças sociais, culturais e institucionais que o atravessam. Nesse sentido, a subjetividade é compreendida como um processo dinâmico que articula afetos, pensamentos, experiências e modos de agir, produzindo sentidos para a vida, para o trabalho e para as relações estabelecidas no cotidiano.

Sob essa perspectiva, a investigação busca compreender o campo socioeducacional como espaço constitutivo do sujeito, no qual se produzem experiências, vínculos e processos de subjetivação. As narrativas docentes tornam-se, assim, expressão das formas pelas quais o eu e o eu social são continuamente produzidos nas práticas

educativas. Inspirados em Deleuze e Guattari (1995), compreendemos o inconsciente como uma potência produtora de desejo, capaz de engendrar modos de existência, produzir realidades e afetar as relações cotidianas.

A noção de rizoma¹ contribui para compreender que os processos educativos e os modos de subjetivação não seguem uma lógica linear ou hierárquica, constituindo-se por múltiplas conexões, encontros e afetações que se reorganizam continuamente (Deleuze; Guattari, 1995). Nessa compreensão, o cotidiano escolar configura-se como um território vivo, atravessado por relações institucionais, práticas pedagógicas, afetos e modos de produção de subjetividade que influenciam tanto as experiências de sofrimento quanto as possibilidades de cuidado na docência.

Ao problematizarem os processos educativos, Deleuze e Guattari (1995) compreendem a escola como um espaço no qual circulam saberes, relações de poder e processos de produção de subjetividade. Mais do que transmitir conhecimentos, a instituição escolar participa da constituição de modos de pensar, agir e sentir, produzindo normas, valores e formas de organização da vida coletiva. Essa leitura permite compreender que as experiências docentes são atravessadas por múltiplas forças institucionais que influenciam tanto as práticas pedagógicas quanto os modos de viver o trabalho. Nessa direção, os autores afirmam que:

A escola não comunica informações, ela impõe coordenadas, ela recruta e faz passar por um julgamento obrigatório. A professora não se informa se a criança compreendeu, ela lhe dá os meios de se comportar conforme a regra." (Extraído de *Mil Platôs*, Vol. 2, Platô 4).

Essa leitura permite compreender que a saúde mental docente não pode ser analisada apenas a partir das características individuais dos professores, mas das relações produzidas no interior das instituições educativas, onde normas, expectativas, afetos e práticas de cuidado se entrelaçam continuamente. Nessa direção, Franco (2013) concebe o cuidado como produção coletiva nas redes de trabalho em saúde; Forattini e Lucena (2015) evidenciam os efeitos da precarização do trabalho docente sobre o sofrimento psíquico; e Maman (2025) destaca que o reconhecimento profissional, o apoio institucional e a construção de espaços coletivos de cuidado constituem elementos fundamentais para a promoção da saúde mental e do cuidado de si na docência.

Com base nessa compreensão, Rolnik (2018) compreende os afetos e as experiências produzidas no cotidiano como forças que participam da constituição dos

processos de subjetivação, podendo potencializar movimentos de criação, resistência e produção de vida ou intensificar experiências de desgaste e sofrimento. Essa leitura desloca a compreensão da saúde mental docente de interpretações centradas exclusivamente no indivíduo para reconhecer que o trabalho, os vínculos interpessoais, as condições institucionais e os modos de organização da vida escolar participam ativamente da produção do bem-estar, do sofrimento psíquico e das possibilidades de cuidado no contexto educacional.

No contexto brasileiro, a atuação profissional na Educação Infantil resulta de um processo histórico relativamente recente, marcado pela transformação das antigas creches em instituições educativas integradas ao sistema de ensino. Com a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB nº 5, de 2009), essa etapa passou a ser reconhecida de forma mais explícita como parte da educação básica, consolidando princípios pedagógicos e normativos voltados ao cuidado, à aprendizagem e ao desenvolvimento integral da criança.

A partir de 2009, com a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009), os Centros Municipais de Educação Infantil passaram a integrar de forma mais explícita a educação básica, consolidando princípios pedagógicos e normativos voltados ao cuidado, à educação e ao desenvolvimento integral da criança. No Paraná, essas diretrizes são complementadas pela Deliberação nº 02/2014 do Conselho Estadual de Educação (Paraná, 2014), que regulamenta a oferta da Educação Infantil no Sistema Estadual de Ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) define a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, destinada ao desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, em complementaridade às ações da família e da comunidade. Nesse contexto, o professor que atua com crianças de 0 a 3 anos exerce funções indissociáveis de educar e cuidar, articulando práticas pedagógicas que promovem o desenvolvimento, a proteção e a aprendizagem das crianças. Conforme o Ministério da Educação (2013, p. 15), "a educação das crianças pequenas resulta de uma construção histórica que envolve contribuições de diferentes campos do conhecimento", entre eles a pedagogia, a psicologia, a sociologia, as artes e as neurociência, evidenciando a complexidade do trabalho desenvolvido nessa etapa da educação básica.

Essa compreensão é reforçada pela Constituição Federal de 1988, que assegura, em seu artigo 208, inciso IV, a oferta da Educação Infantil em creches e pré-escolas como dever do Estado. Dessa forma, o trabalho docente ultrapassa a dimensão técnico-pedagógica, assumindo compromisso ético com a garantia dos direitos da infância, a construção de ambientes educativos inclusivos e a promoção de experiências pautadas no cuidado, na aprendizagem e no desenvolvimento integral das crianças.

Em consonância com essa perspectiva, a Organização Mundial da Saúde (OMS) compreende a saúde mental como resultado da interação entre fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais e econômicos, ultrapassando concepções restritas à ausência de transtornos mentais. O bem-estar psíquico relaciona-se às condições de vida, às redes de apoio, às possibilidades de participação social e às formas como os sujeitos enfrentam os desafios cotidianos, evidenciando a importância de políticas de promoção da saúde, prevenção do sofrimento psíquico e fortalecimento das redes de cuidado.

No contexto educacional, essa concepção amplia a compreensão sobre o trabalho docente, uma vez que os professores são continuamente mobilizados a cuidar da própria saúde mental enquanto acolhem as necessidades emocionais, cognitivas e sociais das crianças. As múltiplas demandas que atravessam o cotidiano escolar reforçam a importância de práticas institucionais que favoreçam o autocuidado, a escuta qualificada, o reconhecimento profissional e a construção de ambientes de trabalho promotores de saúde mental.

Segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), apresentado por Matias (2024), a docência figura entre as profissões mais vulneráveis ao sofrimento psíquico e ao adoecimento relacionado ao trabalho, em decorrência de fatores como jornadas extensas, intensificação das demandas pedagógicas, acúmulo de responsabilidades administrativas e pressão permanente por resultados. Essas condições favorecem o desenvolvimento de sintomas de estresse e ansiedade e, quando persistentes, podem evoluir para quadros mais complexos, como a síndrome de burnout, caracterizada pelo esgotamento emocional, exaustão profissional e despersonalização (Pereira, 2015; Huberman, 2000).

Somam-se a esse cenário fatores como infraestrutura inadequada, insuficiência de recursos materiais, violência no ambiente escolar e políticas de responsabilização que intensificam a sobrecarga docente. Essas condições evidenciam que a promoção da saúde mental ultrapassa iniciativas voltadas exclusivamente ao indivíduo, exigindo ações institucionais e políticas públicas comprometidas com ambientes de trabalho mais saudáveis.

Conforme destacam Forattini e Lucena (2015), enfrentar o sofrimento docente requer investimento em condições dignas de trabalho, formação continuada, apoio institucional e estratégias coletivas de cuidado, reconhecendo que o bem-estar profissional é produzido nas relações estabelecidas entre sujeitos, instituições e organização do trabalho.

3. METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa (Minayo, 2025; Creswell; Creswell, 2021), recorrendo a indicadores quantitativos exclusivamente para caracterização e descrição do corpus empírico, sem finalidade inferencial. A interpretação dos dados permaneceu fundamentada na perspectiva cartográfica e na Análise Textual Discursiva. Neste viés, o estudo aproximou-se da perspectiva cartográfica proposta por Kastrup (2023), compreendendo o campo investigativo como espaço processual, atravessado por movimentos, relações e produções subjetivas que não podem ser reduzidas a categorias fixas ou exclusivamente descritivas.

a) Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de levantamento e análise de literatura nas áreas da educação, saúde mental e subjetividade docente. Essa etapa subsidiou a construção do referencial teórico, a definição das categorias analíticas e o aprofundamento das discussões acerca da cartografia, das micropolíticas e da produção de subjetividade no trabalho docente.

b) Pesquisa empírica

A pesquisa empírica compreendeu entrevistas semiestruturadas, elaboradas com base em indicadores de saúde mental docente. As entrevistas foram conduzidas mediante escuta acolhedora, registradas em áudio, transcritas integralmente e complementadas por observações de campo realizadas no cotidiano escolar.

A escuta das narrativas buscou acompanhar não apenas conteúdos discursivos objetivos, mas também afetos, tensões, silenciamentos e modos de expressão presentes nas experiências relatadas.

c) Cartografia

A cartografia foi utilizada como ferramenta metodológica para acompanhar fluxos subjetivos, relações e movimentos produzidos nas experiências docentes. Conforme Passos, Kastrup e Escóssia (2015), a cartografia não se limita à descrição de fenômenos, mas busca acompanhar processos, afetos e modos de produção de sentidos no campo investigado.

Nessa perspectiva, a investigação procurou rastrear movimentos de desestabilização, sofrimento, resistência e ressignificação presentes nas narrativas docentes, compreendendo que os processos de subjetivação se constituem em redes heterogêneas e rizomáticas. Conforme Campos e Kastrup (2017), a cartografia acompanha pistas, forças e intensidades presentes nas experiências cotidianas, produzindo conhecimento ao acompanhar os próprios movimentos do campo investigado.

d) Procedimentos de campo

O trabalho de campo ocorreu durante seis meses em quatro Centros Municipais de Educação Infantil da rede pública. Participaram da pesquisa dez professores com experiência mínima de cinco anos na Educação Infantil.

A inserção no campo buscou acompanhar dinâmicas relacionais, institucionais e afetivas presentes no cotidiano escolar, permitindo observar elementos formais e micropolíticos que atravessam a experiência docente.

e) Procedimentos de análise

O corpus produzido por meio das entrevistas e observações foi analisado a partir da Análise Textual Discursiva (ATD), conforme Moraes (2016) e Moraes e Galiuzzi (2006), seguindo as etapas de unitarização, categorização e comunicação.

A interpretação dos dados considerou os indicadores de saúde mental docente definidos por Dessen e Paz (2010):

1. valorização do trabalho;
2. reconhecimento pessoal;
3. autonomia;
4. expectativa de crescimento;
5. percepção sobre recursos financeiros.

A utilização da ATD ocorreu articulada à perspectiva cartográfica, permitindo compreender as categorias analíticas como campos interpretativos em movimento, produzidos nas relações entre discursos, afetos, experiências e processos institucionais.

O percurso metodológico integrou dimensões objetivas e subjetivas presentes no ambiente escolar, contemplando percepções, vínculos, relações grupais e dinâmicas institucionais compreendidas, a partir de Deleuze e Guattari (1995), como forças que atravessam os modos de subjetivação docente.

Desse modo, a articulação entre ATD e cartografia possibilitou ampliar a compreensão do sofrimento psíquico docente para além de interpretações lineares ou exclusivamente descritivas, favorecendo a análise dos movimentos afetivos, relacionais e institucionais presentes na experiência da docência na Educação Infantil.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A produção dos dados foi analisada por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), articulada à perspectiva cartográfica, possibilitando compreender os processos relacionados à saúde mental docente no cotidiano dos Centros Municipais de Educação Infantil. Conforme Moraes e Galiazzi (2016), a ATD organiza-se a partir dos movimentos de unitarização, categorização e comunicação, produzindo novas compreensões interpretativas sobre o fenômeno investigado. Em diálogo com a cartografia, esse percurso analítico possibilitou acompanhar não apenas aspectos relacionados à organização do trabalho docente, mas também os processos subjetivos, afetivos e relacionais produzidos nas experiências narradas pelas participantes.

Os relatos indicam que o reconhecimento profissional constitui um elemento importante para a produção do bem-estar docente. As participantes associam a valorização de suas práticas ao fortalecimento da identidade profissional, ao sentimento de pertencimento e à permanência na docência. Em contrapartida, também emergem narrativas marcadas pela invisibilização e pela desvalorização do trabalho educativo, sobretudo quando as demandas afetivas, relacionais e emocionais próprias da Educação Infantil não encontram reconhecimento e apoio institucional.

A leitura cartográfica evidenciou que experiências de acolhimento, escuta e apoio institucional afetam diretamente os modos como as docentes significam o trabalho e elaboram situações de desgaste emocional. Embora a pesquisa tenha adotado abordagem qualitativa, foram utilizados indicadores quantitativos exclusivamente para organização

e síntese descritiva dos dados empíricos, sem finalidade inferencial (Minayo, 2025; Creswell; Creswell, 2021).

Esses indicadores constituem recursos de apoio à interpretação cartográfica, permitindo visualizar tendências observadas nas narrativas das participantes, sem substituir a análise qualitativa desenvolvida por meio da Análise Textual Discursiva. Nesse sentido, o Gráfico 1 foi compreendido como pista analítica para acompanhar movimentos de bem-estar, sofrimento e reconhecimento presentes no cotidiano escolar.

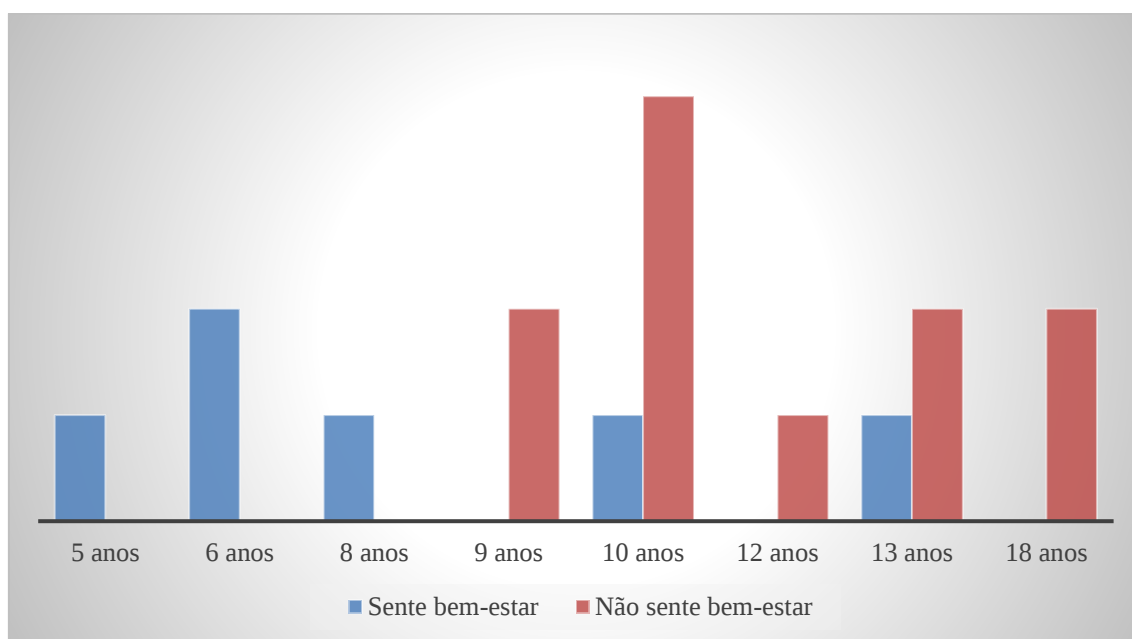


Gráfico 1: Síntese descritiva dos indicadores de tempo de serviço x bem-estar pessoal/profissional

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A síntese descritiva evidencia que o tempo de atuação na Educação Infantil não produz efeitos homogêneos sobre o bem-estar pessoal e profissional das docentes. As participantes, mesmo com trajetórias semelhantes, relataram experiências distintas de satisfação, pertencimento e sofrimento psíquico, indicando que essas vivências são atravessadas pelas condições institucionais, pelas relações estabelecidas no cotidiano escolar e pelas formas de reconhecimento do trabalho docente, em consonância com as discussões de Esteve (1999) e Grochoska e Gouveia (2020).

Sob a perspectiva cartográfica, os dados não permitem estabelecer uma relação causal entre tempo de serviço e adoecimento docente, mas revelam que a saúde mental se constitui como um processo dinâmico, continuamente modulado pelas relações interpessoais, pelas condições de trabalho e pelos modos singulares de experienciar a

docência. As narrativas também evidenciam que a autonomia pedagógica, os espaços de diálogo e as oportunidades de participação favorecem experiências de bem-estar, enquanto a sobrecarga administrativa, a insuficiência de tempo para planejamento e as limitações estruturais emergem como fatores produtores de tensão. Nesse sentido, o Gráfico 2 amplia essa compreensão ao focalizar a qualidade das relações profissionais construídas no cotidiano escolar e sua interface com o bem-estar docente.

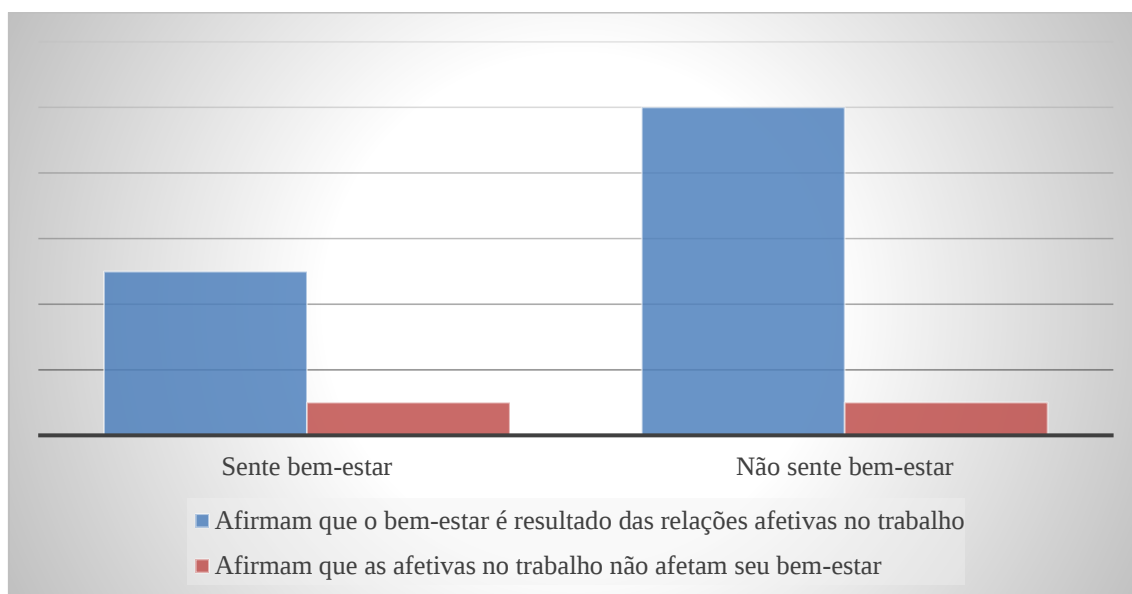


Gráfico 2: Síntese descritiva da relação entre bem-estar docente e qualidade das relações profissionais
 Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A organização descritiva dos dados empíricos evidencia que a qualidade das relações profissionais constitui um elemento central na produção do bem-estar docente. As participantes associam experiências de acolhimento, diálogo, apoio coletivo e reconhecimento institucional à construção de ambientes colaborativos e à atribuição de sentidos positivos ao trabalho, enquanto contextos marcados por isolamento, fragilidade das relações interpessoais e ausência de reconhecimento aparecem relacionados ao desgaste emocional, em consonância com Rausch e Dubiella (2013).

Na perspectiva cartográfica, esses achados indicam que a saúde mental docente é produzida nas relações afetivas, institucionais e coletivas que atravessam o cotidiano escolar. Os vínculos estabelecidos entre docentes, crianças e equipe pedagógica configuram redes de afetação e produção de subjetividade, conforme discutem Deleuze e Guattari (1995), modulando experiências de sofrimento, pertencimento e bem-estar. Nessa direção, os Gráficos 3, 4 e 5 aprofundam a compreensão desses processos ao

analisar outros elementos que atravessam a experiência docente e a produção do cuidado no contexto da Educação Infantil.

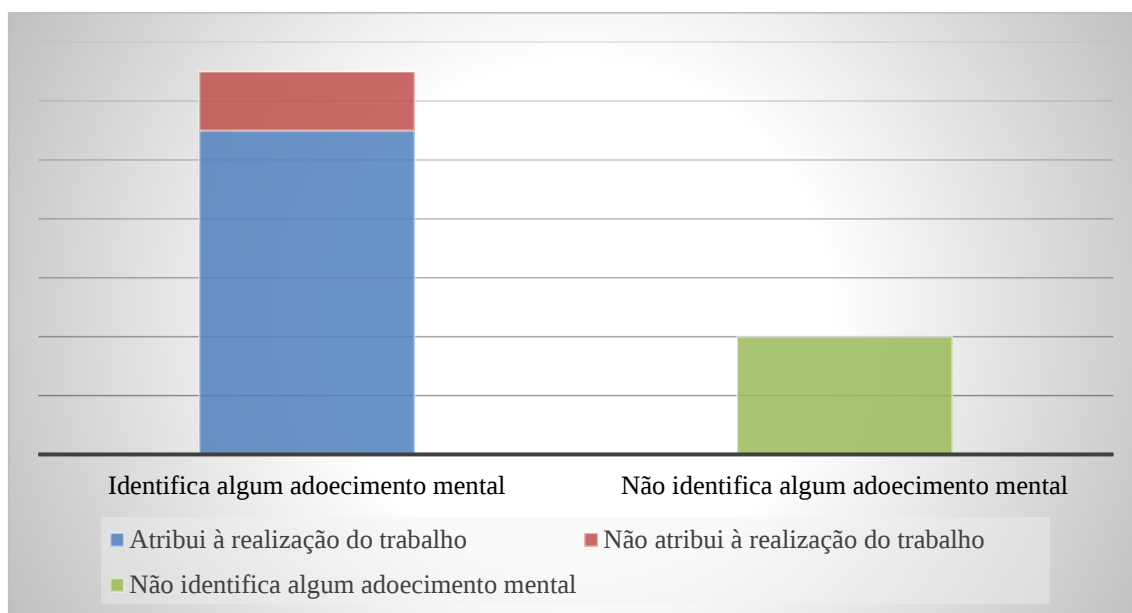


Gráfico 3: Síntese descritiva da percepção da relação entre adoecimento mental e trabalho docente

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O Gráfico 3 evidencia que parte significativa das docentes entrevistadas associa experiências de adoecimento mental às condições e relações presentes no trabalho educativo. Predominam narrativas que vinculam sofrimento psíquico, desgaste emocional e sobrecarga às exigências cotidianas da docência na Educação Infantil, indicando que o adoecimento é compreendido como resultado de processos que extrapolam a dimensão individual. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Dalgarrondo (2019), ao reconhecer que a saúde mental resulta da interação entre fatores subjetivos, sociais e contextuais, e dialoga com Maman (2025), ao destacar a centralidade das condições de trabalho e do apoio institucional na produção do cuidado e do bem-estar docente.

Na perspectiva cartográfica, os dados evidenciam que os modos de vivenciar e significar o trabalho docente são produzidos nas relações institucionais, afetivas e coletivas que atravessam o cotidiano escolar. Embora alguns participantes não estabeleçam relação direta entre adoecimento mental e trabalho, as narrativas revelam múltiplos processos de subjetivação que modulam experiências de sofrimento, resistência e cuidado. Os Gráficos 4 e 5 aprofundam essa análise ao explorar outros fatores que atravessam a produção da saúde mental no contexto da Educação Infantil.

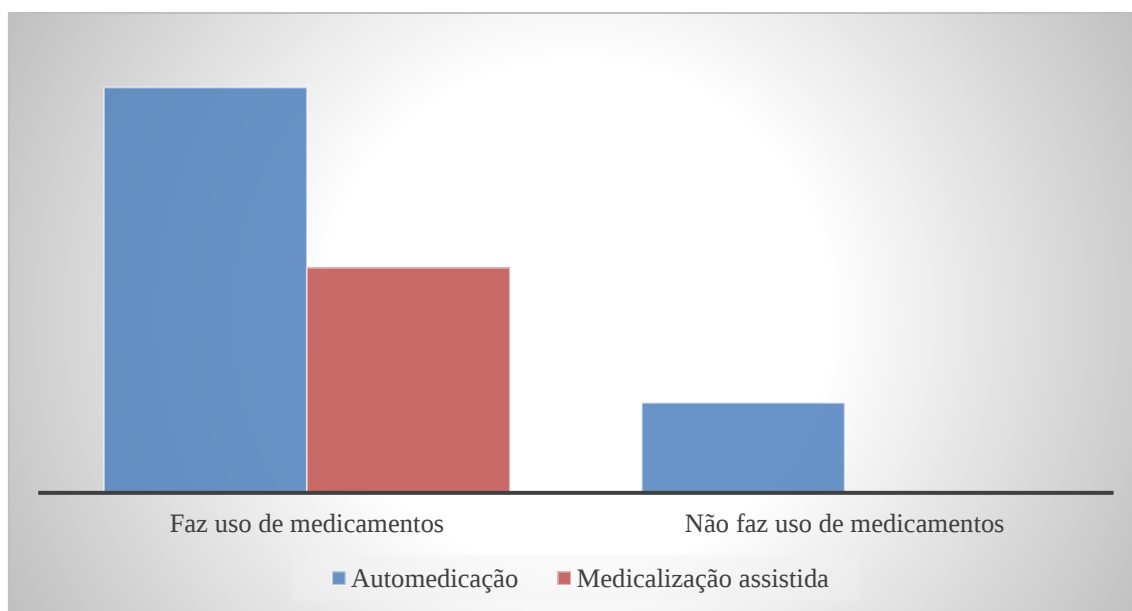


Gráfico 4: Síntese descritiva das estratégias de medicalização e uso de medicamentos entre as docentes

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

O Gráfico 4 evidencia a predominância de relatos relacionados ao uso de medicamentos entre as docentes entrevistadas, destacando-se a automedicação em relação ao acompanhamento profissional contínuo, enquanto uma parcela menor referiu não utilizar medicamentos de forma regular. Esses achados sugerem que o enfrentamento do sofrimento psíquico tem ocorrido, frequentemente, por meio de estratégias individuais, mobilizadas diante das exigências e tensões presentes no trabalho docente.

Na perspectiva cartográfica, o uso de medicamentos não pode ser compreendido apenas como uma escolha individual, mas como expressão de processos de subjetivação produzidos nas relações de trabalho, nas condições institucionais e nas formas socialmente construídas de responder ao sofrimento. Nessa direção, a medicalização constitui uma das respostas contemporâneas ao mal-estar, deslocando, por vezes, questões coletivas e organizacionais para o âmbito individual, conforme problematizam Conrad (2007); Foucault (2004) e Illich (1975).

Em diálogo com esses referenciais, os achados reforçam a importância de políticas institucionais que ampliem espaços de escuta, acolhimento e produção do cuidado, fortalecendo práticas coletivas de promoção da saúde mental docente (Maman, 2025; Maman, 2026). Nesse contexto, o Gráfico 5 aprofunda a análise das estratégias de cuidado e dos recursos mobilizados pelas docentes para o enfrentamento do sofrimento psíquico no cotidiano escolar.

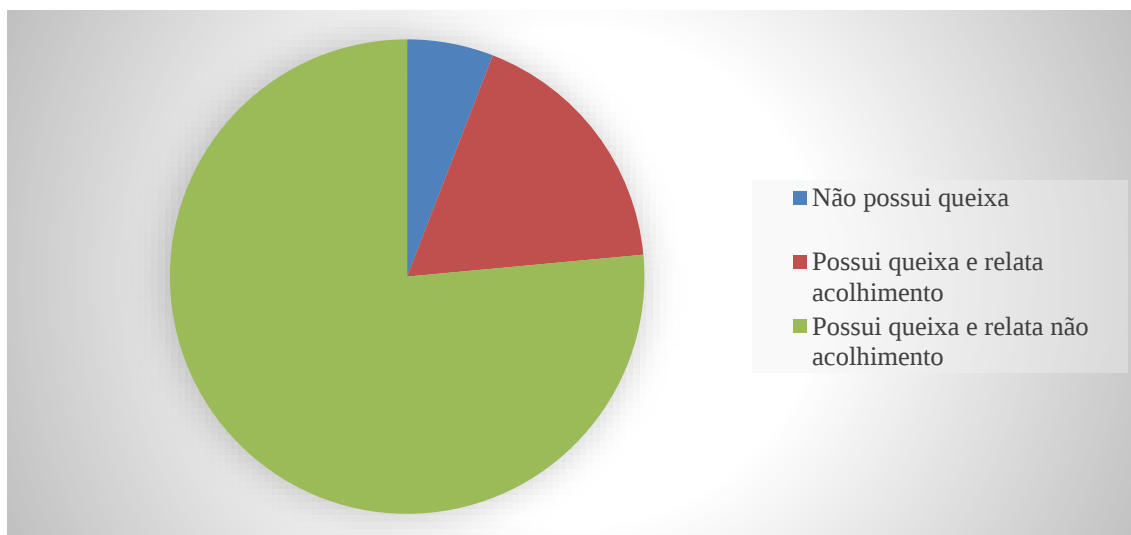


Gráfico 5: Síntese descritiva da relação entre condições de trabalho e apoio institucional

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

O Gráfico 5 evidencia que parte significativa das docentes entrevistadas manifesta insatisfação com as condições de trabalho, frequentemente associada à percepção de insuficiência de acolhimento e apoio institucional diante das dificuldades vivenciadas no cotidiano escolar. Embora alguns participantes relatem experiências positivas de escuta e suporte, predominam narrativas que indicam fragilidade dos espaços institucionais de cuidado, repercutindo sobre sentimentos de pertencimento, reconhecimento e permanência na profissão.

Na perspectiva cartográfica, esses achados evidenciam que a saúde mental docente é produzida na interface entre condições objetivas de trabalho, processos de subjetivação e relações institucionais. O sofrimento psíquico não se configura apenas como expressão individual, mas como fenômeno social e relacional, continuamente modulado pelas formas de organização do trabalho, pelas redes de apoio e pelas possibilidades de produção coletiva do cuidado

A articulação entre a Análise Textual Discursiva e a cartografia possibilitou compreender que políticas de promoção da saúde mental na Educação Infantil demandam não apenas intervenções individuais, mas o fortalecimento de espaços institucionais de escuta, participação, corresponsabilização e reconhecimento, capazes de favorecer processos de cuidado e valorização da docência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo permitiram compreender que a saúde mental das professoras da Educação Infantil constitui um processo relacional, dinâmico e continuamente produzido nas interações estabelecidas no cotidiano escolar. As análises indicaram que experiências de bem-estar, sofrimento psíquico e produção de cuidado são atravessadas pelas condições de trabalho, pelos vínculos afetivos, pelas relações institucionais, pelo reconhecimento profissional e pelas formas de organização do trabalho educativo, afastando interpretações centradas exclusivamente na dimensão individual do adoecimento.

A articulação entre a cartografia e a Análise Textual Discursiva, apoiada por indicadores descritivos utilizados para a organização dos dados empíricos, possibilitou acompanhar processos de subjetivação presentes nas narrativas das participantes, preservando o caráter qualitativo da investigação. Nessa perspectiva, os indicadores assumiram função descritiva e analítica, contribuindo para a compreensão das relações estabelecidas entre tempo de serviço, qualidade das relações profissionais, sofrimento psíquico, medicalização, condições de trabalho e apoio institucional, sem finalidade inferencial.

As análises evidenciaram que o sofrimento psíquico docente não pode ser compreendido de forma dissociada das condições objetivas e subjetivas que atravessam o trabalho na Educação Infantil. Aspectos como acolhimento institucional, espaços de escuta, reconhecimento profissional, apoio entre pares e possibilidades de participação emergiram como elementos relevantes para a produção do cuidado e para a promoção da saúde mental, enquanto a sobrecarga de trabalho, a fragilidade das redes de apoio e as estratégias individualizadas de enfrentamento, como a automedicação, revelaram importantes desafios para as instituições educativas.

Os resultados reforçam a necessidade de políticas institucionais comprometidas com a promoção da saúde mental docente, articulando ações interdisciplinares entre educação e saúde, valorização das condições de trabalho e fortalecimento de espaços coletivos de acolhimento, diálogo e corresponsabilização. Nessa direção, a produção do cuidado ultrapassa intervenções centradas exclusivamente no indivíduo, exigindo práticas institucionais capazes de reconhecer a complexidade das experiências docentes e dos processos de subjetivação que constituem o trabalho educativo.

Como limitação, este estudo contempla uma realidade específica, não pretendendo produzir generalizações estatísticas. Entretanto, os achados oferecem elementos analíticos que podem subsidiar novas pesquisas e contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas institucionais voltadas à promoção da saúde mental, à valorização da docência e à qualificação das condições de trabalho na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Diário Oficial da União: Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

CAMPOS, Roberta; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In Passos, Eduardo., Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana. (Orgs.), **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** (3. ed.). Porto Alegre: Sulina, 2017.

CONRAD, Peter. **The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DELEUZE, Giles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DESSEN, Marina Campos; PAZ, Maria das Graças Torres da. Bem-Estar Pessoal nas Organizações: O Impacto de configurações de poder e características de personalidade. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Jul-Set, Vol. 26 n. 3, pp. 549-556, 2010.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru: EDUSC, 1999.

FRANCO, Túlio Batista. As redes na micropolítica do processo de trabalho em saúde. In: MERHY, Emerson Elias; BATISTA, Túlio Franco (org.). **Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde: textos reunidos**. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 226-242.

FORATTINI, Cristina Damm.; LUCENA, Carlos Alberto. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. **Laplage em Revista**, Sorocaba, n. 2, v. 1, p. 32- 47, maio/ago, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 20 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

GROCHOSKA, Marcia Andreia; GOUVEIA, Andréa Barbosa. Professores e qualidade de vida: reflexões sobre valorização do magistério na educação básica. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e 219060, 2020.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In A. Nóvoa (Org.), **Vidas de professores**, p. 31-61. Porto: Porto, 2000.

KASTRUP, Virgínia. Escrita cartográfica e a dimensão coletiva da experiência. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 35, e6393, 2023. Doi.org/10.12957/riae.2023.80661.

ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde: nêmesis da medicina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

MAMAN, Daniela De. Travessias da temporalidade e cartografias da saúde mental: bidirecionalidade do cuidado na docência. **Educação**, [S. l.], v. 51, n. 1, p. e73/01–22, 2026. <https://doi.org/10.5902/1984644495596>.

MAMAN, Daniela De. Cuidando de quem educa: condições de saúde mental do professor. **Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 13, n. 1, p. 5142–5158, 2025. <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v13.e5.a2025.id2333>.

MATIAS, Átila. Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/organizacao-internacional-do-trabalho-it.htm>. Acesso em 25 de maio, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15ª edição. São Paulo: Hucitec, 2025.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

OLIVEIRA, I. L. *et al.* Repetir, repetir - até ficar diferente: cartografia de um cuidado. **Fractal, Rev. Psicol.** 34, 2022. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2022/v34/29080>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Preventing Child Maltreatment: A guide to acting and generating evidence.** Geneva: World Health Organization and International Society for the Prevention of Child Abuse and Neglect. 2016.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Deliberação nº 02/2014, de 4 de junho de 2014. **Institui as Normas e Princípios para a Educação Infantil no Sistema Estadual de Ensino do Paraná.** Curitiba: Conselho Estadual de Educação do Paraná, 2014.

PEREIRA, J. A. Trabalho docente e sofrimento mental. **Dissertação de Mestrado,** Universidade Estadual Paulista, Franca, 2015.

RAUSCH, R. B.; DUBIELLA, E. Fatores que promoveram mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores em fase final de carreira. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 13, n. 40, p. 1041-1061, set./dez. 2013.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Daniela De Maman: Pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, análise dos dados e escrita do texto.

Lucas De Maman: Pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, análise dos dados e escrita do texto.